

Aristóteles. Sobre as Ideias (ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ). Excertos de Alexandre de Aphrodisias, em *Aristotelis metaphysica commentaria*.

Introdução

Apresentamos aqui uma tradução bilingue e completa dos fragmentos do *Sobre as Ideias* (ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ)¹ — livro em que Aristóteles teria exposto pela primeira vez uma crítica formal aos argumentos dos “platônicos” (dentre os quais ele mesmo se inclui) em favor da existência das ideias, e do qual nos resta apenas o que foi (felizmente) preservado pelo filósofo peripatético Alexandre de Aphrodisias, em seu *Comentário à Metafísica de Aristóteles*.

Alexandre de Aphrodisias (fl. 198–209 d.C.), única fonte de informação para o conteúdo do livro perdido de Aristóteles — a doxografia referente nada diz de preciso acerca dos desenvolvimentos aí contidos, embora sua existência seja suficientemente atestada pelo testemunho de diversos comentadores da antiguidade²-- reproduz trechos desse livro para explicar uma passagem da *Metafísica* A, 9 que, de outra forma, permaneceria obscura:

1 Publicamos, em outro lugar, artigo crítico sobre esses mesmos fragmentos e apresentamos na ocasião uma tradução parcial do texto de Alexandre: Irley F. Franco & Renato Matoso Brandão. “Os Argumentos Formais dos Platonistas em favor da Existência das Ideias no ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ e na *Metafísica* A 9 de Aristóteles”, em *Anais de Filosofia Clássica*, v. 8, n. 15, 2014. Para acessar o artigo: <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/2937>

Ao comparar, o leitor poderá perceber que além de completada, a atual tradução do texto de Alexandre foi anotada e revisada por nós.

2 O principal testemunho da existência do ΠΕΡΙ ΙΔΕΩΝ é sem dúvida o comentário de Alexandre, que intercala no texto citações e paráfrases do livro perdido. Alexandre é além disso a fonte única para o conteúdo do livro. Outros comentadores de Aristóteles fazem entretanto referências explícitas a sua existência: Syrianus, em *Commentarius in Metaphysica* (120, 33-121, 4; 195, 10-15); Pseudo-Alexandre, em *Commentarius in Metaphysica* (836, 34-837, 3) e em *Scholias a Dionysius Thrax* (116, 13-16). Para uma lista mais completa, ver as compilações de fragmentos da obra de Aristóteles em Walter Leszl, *Il de Idei di Aristotele e la Teoria Platonica delle Idee*, 1975; V. Rose, *Aristotelis qui ferebantur librorum fragmenta*, 1886, fragmentos 185, 186, 187; D. Ross, *Aristotelis Fragmenta Selecta*, 1955; Jonathan Barnes e Gavin Lawrence, “Fragments”, em *The Complete Works of Aristotle*, v. 2, 1985, p.2384sq..

* Professores do Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Metafísica A, 9, 990b 8-29: “De todos os argumentos por meio dos quais demonstramos a existência das ideias, nenhum é convincente. Alguns dentre eles não conduzem a uma conclusão necessária e outros conduzem a ideias de coisas das quais, na nossa opinião [sc. nós os platônicos], não pode haver ideias. Com efeito, segundo os argumentos provenientes das ciências (ἐκ τῶν ἐπιστημῶν) haverá ideias de todas as coisas das quais houver ciência; segundo o argumento do um sobre muitos (τὸ ἓν ἐπὶ πολλῶν), haverá ideias mesmo de negações (ἀποφάσεων); enfim, segundo o argumento de que é possível pensar o perecido (τὸ νοεῖν τι φθαρέντος), haverá ideias de coisas perecíveis, pois podemos ter destas coisas uma imagem. Além disso, dos argumentos mais rigorosos (οἱ ἀκριβέστεροι), uns conduzem a ideias de relações (πρὸς τι), as quais, pensamos, não possuem uma classe (γένος) em si (καθ’ αὐτό), outros conduzem ao terceiro homem (τρίτον ἄνθρωπον). E, em geral, os argumentos que demonstram a existência das ideias destroem as coisas por cuja existência estamos mais ansiosos (βουλόμεθα) do que pela existência das ideias; pois segue-se que, não a diade, mas o número será primeiro, isto é, que o relativo será anterior ao em si (καθ’ αὐτό) e todos os outros pontos sobre os quais certas pessoas, seguindo as opiniões sustentadas sobre as ideias, entraram em contradição com os seus princípios. Além disso, de acordo com a concepção em que apoiamos (φάμεν) nossa crença nas ideias, haverá ideias não apenas de substâncias (οὐσιῶν), mas também de muitas outras coisas diferentes – pois o pensamento (νόημα) é um, não somente no caso da substância (ουσία), mas também de muitas outras coisas, e não há somente ciência de substância, mas também de outras coisas, e há uma infinidade de outras consequências desse tipo. Mas, de acordo com a necessidade e as opiniões sustentadas sobre as ideias, se as ideias são participáveis, inevitavelmente é somente de substâncias (οὐσιῶν) que pode haver ideias.”

A passagem, como se observa, é lacônica e, sem o comentário de Alexandre, quase ininteligível. Os argumentos são aí apenas nomeados: nem as demonstrações nem as refutações do próprio Aristóteles aparecem aí descritas, mas são apenas rapidamente mencionadas e resumidas, o que é de certo modo mais uma razão para se supor a existência do *Sobre as Ideias*, pois a economia do relato parece apontar para uma exposição anterior, já conhecida do público.

Aparentemente Aristóteles dividia os argumentos em duas classes distintas, embora, segundo Alexandre, essa distinção não fosse rígida (78, 9-25): (I) não-conclusivos, isto é, argumentos cujas premissas não levam

necessariamente às conclusões (οὐκ ἀνάγκη γίγνεσθαι) e (II) mais rigorosos (οἱ ἀκριβέστεροι), argumentos que provam não apenas que o predicado comum independe dos particulares dos quais ele é predicado, mas é também παράδειγμα desses particulares. Alexandre comenta ainda que nem todos os argumentos dos platônicos estão mencionados nessa passagem. Havia argumentos que Aristóteles considerava inteiramente falsos, isto é, que não provavam absolutamente nada do que deveria ser provado e que não são mencionados exatamente por esse motivo. A crítica é dirigida apenas aos argumentos que parecem demonstrar alguma coisa.

Com relação ao texto grego, há duas diferentes versões do comentário de Alexandre: a *recensio vulgata* e a *recensio altera*. Para a tradução, usamos apenas a primeira, por ser considerada a mais confiável pela maioria dos estudiosos. Embora escassas, outras traduções desses fragmentos podem ser encontradas. Dentre as mais recentes, citamos a de Gail Fine em *On Ideas. Aristotle's Criticism of Plato's Theory of Forms*. Publicada em 1993, pela Clarendon Press, a edição, além de extensamente comentada, faz uso eventual da *recensio altera* e fornece uma longa bibliografia sobre o assunto. A presente tradução reproduz a organização do próprio Alexandre, que divide seus comentários em lemas retirados da passagem acima citada da *Metafísica A9*. Optamos por intercalar o texto grego com a tradução, a fim de facilitar ao leitor o acesso ao texto original. As palavras entre colchetes foram acrescentadas nas raras vezes em que consideramos que a tradução literal não era suficiente para esclarecer o texto grego.

Recensio Vulgata

“*Alexandri Aphrodisiensis in Aristotelis metaphysica commentaria*”, Ed. Hayduck, M. Berlin: Reimer, 1891; *Commentaria in Aristotelem Graeca* 1.

p. 990b11 <Κατά τε γὰρ τοὺς λόγους τοὺς ἐκ τῶν ἐπιστημῶν εἶδη ἔσται πάντων ὄσων ἐπιστήμαί εἰσιν.>

Πλεοναχῶς μὲν ταῖς ἐπιστήμαις πρὸς τὴν τῶν ἰδεῶν κατασκευὴν προσεχρήσαντο, ὡς ἐν τῷ πρώτῳ Περι ἰδεῶν λέγει· ὧν δὲ νῦν μνημονεύειν [79.5] ἔοικε λόγων, εἰσι τοιοῦτοι. εἰ πᾶσα ἐπιστήμη πρὸς ἓν τι καὶ τὸ αὐτὸ ἐπαναφέρουσα ποιεῖ τὸ αὐτῆς ἔργον καὶ πρὸς οὐδὲν τῶν καθ' ἑκάστον, εἴη ἂν τι ἄλλο καθ' ἑκάστην παρὰ τὰ αἰσθητὰ αἰδίων καὶ παράδειγμα τῶν καθ' ἑκάστην ἐπιστήμην γινομένων. τοιοῦτον δὲ ἡ ἰδέα. ἔτι ὧν ἐπιστήμαί εἰσι, ταῦτα ἔστιν ἄλλων δὲ τινων παρὰ τὰ καθ' ἑκαστά εἰσιν αἱ [79.10] ἐπιστήμαι· ταῦτα γὰρ ἄπειρά τε καὶ ἀόριστα, αἱ δὲ

ἐπιστήμαι ὀρισμένων· ἔστιν ἄρα τινὰ παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα, ταῦτα δὲ αἰδέαι. ἔτι εἰ ἡ ἰατρικὴ οὐκ ἔστιν ἐπιστήμη τῆσδε τῆς ὑγιείας ἀλλ' ἀπλῶς ὑγιείας, ἔσται τις αὐτοῦγεία· καὶ εἰ ἡ γεωμετρία μὴ ἔστι τοῦδε τοῦ ἴσου καὶ τοῦδε τοῦ συμμετροῦ ἐπιστήμη ἀλλ' ἀπλῶς ἴσου καὶ ἀπλῶς συμμετροῦ, ἔσται τι αὐτόισον [79.15] καὶ αὐτοσύμμετρον, ταῦτα δὲ αἰδέαι. οἱ δὴ τοιοῦτοι λόγοι τὸ μὲν προκείμενον οὐ δεικνύουσιν, ὃ ἦν τὸ ιδέας εἶναι, ἀλλὰ δεικνύουσι τὸ εἶναι τινὰ παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα καὶ αἰσθητά. οὐ πάντως δέ, εἴ τινα ἔστιν ἅ εἰσι παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα, ταῦτά εἰσιν ιδέαι· ἔστι γὰρ παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα τὰ κοινά, ὧν φαμεν καὶ τὰς ἐπιστήμας εἶναι. ἔτι τε τὸ καὶ τῶν ὑπὸ [79.20] τὰς τέχνας ιδέας εἶναι· καὶ γὰρ πᾶσα τέχνη πρὸς ἓν τι ἀναφέρει τὰ γινόμενα ὑπ' αὐτῆς, καὶ ὧν εἰσιν αἰδέαι, ταῦτα ἔστι, καὶ ἄλλων τινῶν παρὰ τὰ καθ' ἕκαστά εἰσιν αἰδέαι. καὶ ὁ ὕστερος δέ, πρὸς τῷ μηδὲ οὗτος δεικνύει τὸ εἶναι ιδέας, καὶ ὧν οὐ βούλονται ιδέας εἶναι κατασκευάζειν ιδέας δόξει. εἰ γὰρ διότι ἡ ἰατρικὴ μὴ ἔστι τῆσδε τῆς ὑγιείας [80.1] ἐπιστήμη ἀλλ' ἀπλῶς ὑγιείας, ἔστιν αὐτὸ τις ὑγίεια, ἔσται καὶ ἐπὶ τῶν τεχνῶν ἐκάστης. οὐ γὰρ τοῦ καθ' ἕκαστα οὐδὲ τοῦδέ ἔστιν, ἀλλ' ἀπλῶς ἐκείνου περὶ ὃ ἔστιν, οἷον ἡ τεκτονικὴ ἀπλῶς βάθρου ἀλλ' οὐ τοῦδε, καὶ ἀπλῶς κλίνης ἀλλ' οὐ τῆσδε· ὁμοίως καὶ ἡ ἀνδριαντοποιητικὴ καὶ ἡ γραφικὴ καὶ [80.5] ἡ οἰκοδομικὴ δὲ καὶ τῶν ἄλλων ἐκάστη τεχνῶν ἔχει πρὸς τὰ ὑφ' ἑαυτῆν. ἔσται ἄρα καὶ τῶν ὑπὸ τὰς τέχνας ἐκάστου ιδέα, ὅπερ οὐ βούλονται.

p. 990b11 <Κατὰ τε γὰρ τοὺς λόγους τοὺς ἐκ τῶν ἐπιστημῶν εἶδη ἔσται πάντων ὅσων ἐπιστημαί εἰσιν.>

O argumento das ciências (79.3-80.6)

Eles [os platônicos] usavam as ciências de muitos modos para a prova [da existência] das ideias, como ele [Aristóteles] diz no início do Sobre as Ideias. Os argumentos (79.5) que ele aqui parece ter em mente são os seguintes:

Se toda ciência realiza sua obra referindo-se a algo único e idêntico e não a nenhum particular, então deve haver, no caso de cada ciência, algo outro, para além dos sensíveis, que é eterno e paradigma do que vem a ser segundo cada ciência. E esse tipo de coisa é a ideia.

E mais: as coisas das quais há ciência, essas coisas são, mas as ciências lidam com outras coisas para além dos particulares, (79.10) pois estes são ilimitados e indefinidos, enquanto os [objetos] das ciências são determinados. Logo, há certas coisas para além das particulares, e essas são as ideias.

E mais: se a medicina não é a ciência de uma saúde particular, mas da saúde em geral, então deve haver uma saúde em si, e se a geometria não é a ciência desse igual ou desse comensurável, mas do plenamente igual e do plenamente comensurável, então deve haver um igual em si (79.15) e um comensurável em si, e estes são ideias.

Esses argumentos não demonstram o proposto, que as ideias são, mas demonstram haver certas coisas para além das particulares e sensíveis. Contudo, se há coisas que são para além das particulares, isso não quer absolutamente dizer que essas coisas são ideias. Pois o que há para além das coisas particulares são os comuns, dos quais também dizemos as ciências [serem ciências].

E mais: o argumento (79.20) além disso também provaria que há ideias do que pertence às artes. Pois toda arte refere-se a coisas que vêm a ser a partir dela como únicas, e as coisas das quais as artes são [artes], essas coisas são, e as artes lidam com outras coisas para além das particulares. E esse último [argumento], além de não demonstrar que as ideias são, parece estabelecer que há também ideias de coisas das quais eles não desejam que haja ideias. Ora, se há uma saúde em si, porque a medicina não é a ciência de uma determinada saúde, (80.1) mas da saúde em geral, então o mesmo se aplica a cada uma das artes. E se nenhuma delas é dos particulares ou tampouco de qualquer “isso”, e sim “daquilo” que é plenamente, por exemplo, a carpintaria do banco em geral e não de um banco particular, da cama em geral e não de uma cama particular. E a escultura, a pintura, (80.5) a arquitetura, e cada uma das demais artes, têm igual relação com o que é seu. Portanto, embora eles [os platônicos] não queiram, haverá ideia de cada produto das artes.

p. 990b13 <Καὶ κατὰ τὸ ἐν ἐπὶ πολλῶν καὶ τῶν ἀποφάσεων.>

Χρῶνται καὶ τοιοῦτῳ λόγῳ εἰς κατασκευὴν τῶν ιδεῶν. εἰ ἕκαστος τῶν πολλῶν ἀνθρώπων ἀνθρωπὸς ἐστὶ καὶ τῶν ζῴων ζῶον καὶ ἐπὶ τῶν [80.10] ἄλλων ὁμοίως, καὶ οὐκ ἔστιν ἐφ’ ἐκάστου αὐτῶν αὐτὸ αὐτοῦ τι κατηγορούμενον, ἀλλ’ ἔστι τι ὃ καὶ πάντων αὐτῶν κατηγορεῖται οὐδενὶ αὐτῶν ταῦτὸν ὄν, εἴη ἂν τι τούτων παρὰ τὰ καθ’ ἕκαστα ὄντα ὄν κεχωρισμένον αὐτῶν αἰδίον· αἰεὶ γὰρ ὁμοίως κατηγορεῖται πάντων τῶν κατ’ ἀριθμὸν ἀλλασσομένων. ὃ δὲ ἐν ἔστιν ἐπὶ πολλοῖς κεχωρισμένον τε αὐτῶν καὶ αἰδίον, [80.15] τοῦτ’ ἔστιν ιδέα· εἰσὶν ἄρα ιδέαι. τοῦτὸν φησι τὸν λόγον κατασκευάζειν ιδέας καὶ τῶν ἀποφάσεων καὶ τῶν μὴ

όντων. καὶ γὰρ ἡ ἀπόφασις κατὰ πολλῶν κατηγορεῖται μία καὶ ἡ αὐτὴ καὶ κατὰ μὴ ὄντων, καὶ οὐδενὶ τῶν καθ' ὧν ἀληθεύεται ἔστιν ἡ αὐτὴ. τὸ γὰρ οὐκ ἄνθρωπος κατηγορεῖται μὲν καὶ καθ' ἵππου καὶ κυνὸς καὶ πάντων τῶν παρὰ τὸν ἄνθρωπον, καὶ [80.20] διὰ τοῦτό ἐστιν ἐν ἐπὶ πολλῶν καὶ οὐδενὶ τῶν καθ' ὧν κατηγορεῖται ταυτὸν ἐστιν. ἔτι αἰεὶ μένει κατὰ τῶν ὁμοίων ὁμοίως ἀληθεύμενον· τὸ γὰρ οὐ μουσικὸν κατὰ πολλῶν ἀληθεύεται (πάντων γὰρ τῶν μὴ μουσικῶν), [81.1] ὁμοίως καὶ τῶν οὐκ ἀνθρώπων τὸ οὐκ ἄνθρωπος· ὥστε εἰσι καὶ τῶν ἀποφάσεων ἰδέαι. ὅπερ ἐστὶν ἄτοπον· πῶς γὰρ ἂν εἴη τοῦ μὴ εἶναι ἰδέαι; εἰ γὰρ τοῦτό τις παραδέξεται, τῶν γε ἀνομογενῶν καὶ πάντη διαφερόντων ἔσται μία ἰδέαι, γραμμῆς, ἂν οὕτω τύχη, καὶ ἀνθρώπου· οὐχ ἵπποι γὰρ [81.5] ταῦτα πάντα. ἔτι ἔσται καὶ τῶν ἀπείρων μία ἰδέαι. ἀλλὰ καὶ τοῦ πρώτου καὶ τοῦ δευτέρου· οὐ ξύλον γὰρ ὅ τε ἄνθρωπος καὶ τὸ ζῷον, ὧν τὸ μὲν πρῶτον τὸ δὲ δεύτερον, ὧν οὔτε γένη οὔτε ἰδέαις ἐβούλοντο εἶναι. δῆλον δὲ ὅτι οὐδὲ οὗτος ὁ λόγος ἰδέαις εἶναι συλλογίζεται, ἀλλὰ δεικνύναι βούλεται καὶ αὐτὸς ἄλλο εἶναι τὸ κοινῶς κατηγορούμενον τῶν καθ' ἕκαστα [81.10] ὧν κατηγορεῖται. ἔτι αὐτοὶ οἱ βουλόμενοι δεικνύναι ὅτι ἐν τι τὸ κοινῶς κατηγορούμενόν ἐστι πλειόνων καὶ τοῦτό ἐστιν ἰδέαι, ἀπὸ τῶν ἀποφάσεων αὐτὸ κατασκευάζουσιν. εἰ γὰρ ὁ πλειόνων τι ἀποφάσκων πρὸς ἕν τι ἐπαναφέρων ἀποφήσει (ὁ γὰρ λέγων ἄνθρωπος οὐκ ἔστι λευκός, ἵππος οὐκ ἔστιν, οὐ καθ' ἕκαστον αὐτῶν ἰδίον τι ἀποφάσκει, ἀλλὰ πρὸς ἕν τι τὴν [81.15] ἀναφορὰν ποιούμενος τὸ λευκὸν ἀποφάσκει τὸ αὐτὸ πάντων), καὶ ὁ καταφάσκων ἂν πλειόνων τὸ αὐτὸ οὐ καθ' ἕκαστον ἄλλο, ἀλλὰ ἐν τι ἂν εἴη ὁ καταφάσκει, οἷον τὸν ἄνθρωπον κατὰ τὴν πρὸς ἕν τι καὶ ταυτὸν ἀναφορὰν· ὁμοίως γὰρ ὡς ἡ ἀπόφασις καὶ ἡ κατάφασις. ἔστιν ἄρα τι ὃν ἄλλο παρὰ τὸ ἐν τοῖς αἰσθητοῖς, ὃ αἰτίον ἐστὶ τῆς ἀληθοῦς ἐπὶ πλειόνων τε καὶ [81.20] τῆς κοινῆς καταφάσεως, καὶ τοῦτό ἐστιν ἡ ἰδέαι. τοῦτον δὴ τὸν λόγον φησὶν οὐ μόνον τῶν καταφασκομένων ἀλλὰ καὶ τῶν ἀποφασκομένων ἰδέαις ποιεῖν· ὁμοίως γὰρ ἐν ἀμφοτέροις τὸ ἐν.

p. 990b13 <Καὶ κατὰ τὸ ἐν ἐπὶ πολλῶν καὶ τῶν ἀποφάσεων.>

O argumento do um sobre muitos

Eles [os platônicos] usam também o seguinte argumento para a prova [da existência] das ideias:

Se cada um dos muitos homens é um homem, e cada um dos muitos animais, um animal, (80.10) e assim em todos os outros casos, e se em nenhum desses casos a mesma coisa é predicada dela mesma, mas há alguma coisa que é predicada de todas elas e que não é a mesma que nenhuma delas, então deve

haver algo, para além dos entes particulares, sendo separado deles e eterno, pois é sempre predicado do mesmo modo de todas as coisas numericamente diversas. Ora, o que é um sobre muitos sendo separado deles e eterno (80.15) é a ideia. As ideias, portanto, são.

Esse argumento, diz ele [Aristóteles], prova haver também ideias de negações e de não-seres, pois uma e a mesma negação é predicada de muitos, mesmo de não-seres, embora não seja idêntica a qualquer uma das coisas das quais ela é verdadeiramente predicada. Ora, o não-homem é predicado tanto do cavalo quanto do cão quanto de tudo aquilo que é outro que homem, (80.20) e por isso é um sobre muitos e não é o mesmo que nenhuma das coisas das quais ele é predicado. Além disso, permanece sempre sendo igualmente verdadeiro das mesmas coisas, pois o não-músico é verdadeiro de muitos (de todos os não-músicos), (81.1) do mesmo modo que o não-homem também o é de não-homens. Portanto haveria também ideias de negações.

Isso é absurdo. Pois como haveria ideia de não-ser? Se alguém aceitar isso, haverá uma única ideia para coisas de gêneros distintos e diferentes em tudo, por exemplo, linha e homem, pois ambas essas coisas são não-cavalos. (81.5) E mais: haverá também uma ideia única de coisas indeterminadas. O mesmo se daria com relação a primário e secundário, por exemplo, homem e animal, sendo um primário e outro secundário, são não-madeira, e de tais coisas eles [os platônicos] não desejam que haja nem gênero nem ideias.

É claro que tampouco esse argumento prova que haja ideias, mas antes quer demonstrar que o predicado comum é outro que os particulares (81.10) dos quais ele é predicado. E mais: os mesmos que querem demonstrar que o predicado comum de uma pluralidade de coisas é uma coisa única, e é uma ideia, demonstram isso a partir de negações. Se, pois, alguém negando algo de uma pluralidade o nega referindo-se a uma coisa única (pois dizendo 'homem é não-branco, cavalo é não [branco]', não nega algo peculiar a eles em cada caso, mas, (81.15) referindo a alguma coisa única, nega o mesmo branco de todos eles), então ao afirmar a mesma coisa de uma pluralidade não estará afirmando uma coisa diferente em cada caso, mas estará afirmando uma coisa única -- por exemplo, homem -- com referência a uma e a mesma coisa. E isso vale tanto para a afirmação quanto para a negação. Deve haver portanto algum outro ser para além daquele nos sensíveis, que é causa da afirmação verdadeira tanto da multiplicidade quanto (81.20) do

comum, e isso é a ideia. Esse argumento, diz ele, produz ideias não apenas do que é afirmado, mas também do que é negado, pois em ambos os casos (refere-se) igualmente ao um.

p. 990b14 <Κατὰ δὲ τὸ νοεῖν τι φθαρέντος τῶν φθαρτῶν φάντασμα γάρ τι τούτων ἐστίν.>

[81.25] Ὁ λόγος ὁ ἀπὸ τοῦ νοεῖν κατασκευάζων τὸ εἶναι ιδέας τοιοῦτός ἐστιν. εἰ ἐπειδὴν νοῶμεν ἄνθρωπον ἢ πεζὸν ἢ ζῷον, τῶν ὄντων τέ τι νοοῦμεν καὶ οὐδὲν τῶν καθ' ἕκαστον (καὶ γὰρ φθαρέντων τούτων μένει ἡ αὐτὴ ἔννοια), δῆλον ὡς ἔστι παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα καὶ αἰσθητά, ὃ καὶ ὄντων ἐκείνων καὶ μὴ ὄντων νοοῦμεν· οὐ γὰρ δὴ μὴ ὄν τι νοοῦμεν τότε. τοῦτο δὲ εἶδος τε καὶ ιδέα ἐστίν. φησὶ δὴ τοῦτον τὸν λόγον καὶ τῶν φθειρομένων τε καὶ ἐφθαρμένων καὶ ὄλως τῶν καθ' ἕκαστά τε καὶ φθαρτῶν ιδέας κατασκευάζειν, οἷον Σωκράτους, Πλάτωνος· καὶ γὰρ τούτους νοοῦμεν καὶ φαντασίαν αὐτῶν φυλάσσομεν καὶ μηκέτι ὄντων σώζομεν· φάντασμα [82.5] γάρ τι καὶ τῶν μηκέτι ὄντων. ἀλλὰ καὶ τὰ μὴδ' ὄλως ὄντα νοοῦμεν, ὡς Ἴπποκένταυρον, Χίμαιραν· ὥστε οὐδὲ ὁ τοιοῦτος λόγος ιδέας εἶναι συλλογίζεται.

p. 990b14 <Κατὰ δὲ τὸ νοεῖν τι φθαρέντος τῶν φθαρτῶν φάντασμα γάρ τι τούτων ἐστίν.>

O argumento do pensamento

O argumento que demonstra que as ideias são a partir do pensar é o seguinte: se quando pensamos homem, ou pedestre, ou animal, pensamos algo que é e que, ao mesmo tempo, não é nenhum dos particulares (pois o pensamento das coisas que pereceram permanece o mesmo), é claro que há algo para além dos particulares e sensíveis em que, tanto sendo quanto não sendo, pensamos, pois de modo algum, nesse caso, pensamos algo que não é. E isso (82.1) é a forma e é a ideia.

Ele [Aristóteles] diz, então, que esse argumento estabelece ideias tanto do que está perecendo quanto do já perecido e de todos os particulares e perecíveis, como, por exemplo, de Sócrates e de Platão, pois também pensamos nessas coisas e as guardamos e preservamos na imaginação, mesmo quando não mais são, porque a imagem (82.5) também é de algo que não mais

existe. Além disso, nós pensamos em coisas que não são absolutamente, tais como o Hipocentauro e a Quimera, de modo que nem esse argumento prova que há ideias.

p. 990b15 <Ἐτι δὲ οἱ ἀκριβέστατοι τῶν λόγων οἱ μὲν τῶν πρὸς τι ποιοῦσιν ιδέας, ὧν οὐ φαμεν εἶναι καθ' αὐτὸ γένος, οἱ δὲ τὸν [82.10] τρίτον ἄνθρωπον λέγουσιν.>

Ὁ μὲν καὶ τῶν πρὸς τι κατασκευάζων ιδέας λόγος τοιοῦτός ἐστιν. ἐφ' ὧν ταυτὸν τι πλείονων κατηγορεῖται μὴ ὁμωνύμως, ἀλλ' ὡς μίαν τινὰ δηλοῦν φύσιν, ἥτοι τῷ κυρίως τὸ ὑπὸ τοῦ κατηγορουμένου σημαινόμενον [83.1] εἶναι ταῦτα ἀληθεύεται κατ' αὐτῶν, ὡς ὅταν ἄνθρωπον λέγωμεν Σωκράτην καὶ Πλάτωνα, ἢ τῷ εἰκόνας αὐτὰ εἶναι τῶν ἀληθινῶν, ὡς ἐπὶ τῶν γεγραμμένων ὅταν τὸν ἄνθρωπον κατηγορῶμεν (δηλοῦμεν γὰρ ἐπ' ἐκείνων τὰς τῶν ἀνθρώπων εἰκόνας τὴν αὐτὴν τινα φύσιν ἐπὶ πάντων σημαίνοντες), ἢ [83.5] ὡς τὸ μὲν αὐτῶν ὄν τὸ παράδειγμα, τὰ δὲ εἰκόνας, ὡς εἰ ἀνθρώπους Σωκράτη τε καὶ τὰς εἰκόνας αὐτοῦ λέγομεν. κατηγοροῦμεν δὲ τῶν ἐνταῦθα τὸ ἴσον αὐτὸ ὁμωνύμως αὐτῶν κατηγορούμενον· οὔτε γὰρ ὁ αὐτὸς πᾶσιν αὐτοῖς ἐφαρμόζει λόγος, οὔτε τὰ ἀληθῶς ἴσα σημαίνομεν· κινεῖται γὰρ τὸ ποσὸν ἐν τοῖς αἰσθητοῖς καὶ μεταβάλλει συνεχῶς καὶ οὐκ ἔστιν [83.10] ἀφωρισμένον. ἀλλ' οὐδὲ ἀκριβῶς τὸν τοῦ ἴσου λόγον ἀναδεχόμενον τῶν ἐνταῦθα ἐστὶ τι. ἀλλὰ μὴν ἀλλ' οὐδὲ ὡς τὸ μὲν παράδειγμα αὐτῶν τὸ δὲ εἰκόνα· οὐδὲν γὰρ μᾶλλον θάτερον θατέρου παράδειγμα ἢ εἰκὼν. εἰ δὲ καὶ δέξαιτο τις μὴ ὁμώνυμον εἶναι τὴν εἰκόνα τῷ παραδείγματι, αἰεὶ ἔπεται ταῦτα τὰ ἴσα ὡς εἰκόνας εἶναι ἴσα τοῦ κυρίως καὶ ἀληθῶς ἴσου. εἰ δὲ τοῦτο, [83.15] ἔστι τι αὐτόισον καὶ κυρίως, πρὸς ὃ τὰ ἐνθάδε ὡς εἰκόνας γίνεται τε καὶ λέγεται ἴσα, τοῦτο δὲ ἐστὶν ιδέα, παράδειγμα καὶ εἰκὼν τοῖς πρὸς αὐτὸ γινομένοις. εἷς μὲν οὖν οὗτος λόγος ὁ καὶ τῶν πρὸς τι κατασκευάζων ιδέας, δοκῶν ἐπιμελέστερον καὶ ἀκριβέστερον καὶ προσεχέστερον ἄπτεσθαι τῆς δεΐξεως τῶν ιδεῶν. οὐδὲ γὰρ τὸ κοινὸν εἶναι τι παρὰ τὰ καθ' ἕκαστα [83.20] ἀπλῶς οὗτος ὁ λόγος δοκεῖ δεικνύναι, ὥσπερ οἱ πρὸ αὐτοῦ, ἀλλὰ τὸ παράδειγμά τι εἶναι τῶν ἐνταῦθα ὄντων κυρίως ὄν· τοῦτο γὰρ χαρακτηριστικὸν εἶναι δοκεῖ τῶν ιδεῶν μάλιστα. τοῦτον δὴ τὸν λόγον φησὶ καὶ τῶν πρὸς τι ιδέας κατασκευάζειν. ἢ γοῦν δεΐξις ἢ νῦν ἐπὶ τοῦ ἴσου προῆλθεν, ὃ ἐστὶ τῶν πρὸς τι· τῶν δὲ πρὸς τι οὐκ ἔλεγον ιδέας εἶναι διὰ τὸ τὰς μὲν [83.25] ιδέας καθ' αὐτὰς ὑφεστάναι αὐτοῖς οὐσίας τινὰς οὐσας, τὰ δὲ πρὸς τι ἐν τῇ πρὸς ἄλληλα σχέσει τὸ εἶναι ἔχειν. ἔτι δὲ εἰ τὸ ἴσον ἴσῳ ἴσον, πλείους ιδέαι τοῦ ἴσου ἂν εἶεν· τὸ γὰρ αὐτόισον αὐτοῖσῳ ἴσον· εἰ γὰρ μηδενὶ ἴσον, οὐδὲ ἴσον ἂν εἴη. ἔτι δεήσει καὶ τῶν ἀνίσων κατὰ τὸν αὐτὸν λόγον ιδέας εἶναι· ὁμοίως γὰρ τῶν ἀντικειμένων ἔσσονται γε ἢ οὐκ ἔσσονται ιδέαι· τὸ [83.30] δὲ ἀνίσον ὁμολογεῖται καὶ κατ' αὐτοὺς ἐν πλείοσιν εἶναι. πάλιν δὲ ἐκοινοποίησε τὴν δόξαν ὡς πρὸς

οἰκείαν οὖσαν αὐτὴν λέγων, διὰ τοῦ εἰπεῖν <ὧν οὐ φαμεν εἶναι καθ' αὐτὸ γένος,> γένος λέγων ἀντὶ τοῦ ὑπόστασιν καὶ φύσιν, εἰ γε τὸ πρὸς τι παραφυάδι ἔοικεν, ὡς ἐν ἄλλοις εἶπεν.

p. 990b15 <Ἐτι δὲ οἱ ἀκριβέστατοι τῶν λόγων οἱ μὲν τῶν πρὸς τι ποιοῦσιν ιδέας, ὧν οὐ φαμεν εἶναι καθ' αὐτὸ γένος, οἱ δὲ τὸν τρίτον ἄνθρωπον λέγουσιν.>

O Argumento dos Relativos

O argumento que demonstra as ideias a partir dos relativos é o seguinte: “Quando um mesmo [termo] é predicado de muitas coisas não homonimamente, mas para revelar uma natureza única, ele é verdadeiramente predicado delas, seja porque elas são, no sentido forte, aquilo que é significado pelo predicado, como quando chamamos Sócrates e Platão de homens, seja porque são cópias das verdadeiras, como quando predicamos ‘homem’ de [homens] desenhados (pois revelamos cópias desses homens significando uma mesma natureza de todos); ou porque (83.5) um deles é paradigma e os outros cópias, como se chamássemos tanto Sócrates quanto suas cópias de ‘homens’”.

“Ora, nós predicamos o igual em si das coisas daqui, e o predicamos delas homonimamente, porque nem a mesma definição se aplica a todas elas, nem estamos significando coisas que são verdadeiramente iguais, já que a quantidade nas coisas sensíveis muda e continuamente se transforma, e não é determinada. (83.10) Contudo, nada aqui rigorosamente admite a definição do igual. Tampouco nenhuma dessas coisas são como paradigma e cópia, pois nenhuma delas é mais paradigma ou cópia do que qualquer outra.

Mesmo se alguém admitisse que a cópia não é homônima de seu paradigma, ainda assim essas coisas iguais seriam sempre iguais enquanto cópias do que é igual no sentido próprio e verdadeiro. Mas se é assim, (83.15) há um igual em si, e no sentido próprio, em relação ao qual as coisas daqui, como cópias dele, vêm a ser, e são ditas iguais; e isso é uma ideia e um paradigma para as cópias que vêm a ser em relação a ele.” Esse é portanto o argumento que demonstra haver ideias mesmo a partir dos relativos; ele parece ser mais cuidadoso, mais rigoroso e apropriado para obter uma prova das ideias, pois esse argumento não parece simplesmente demonstrar, como os anteriores, que haja algo comum para além dos particulares, (83.20) mas antes que haja algo que é paradigma das coisas daqui, e é no sentido próprio. E isso parece ser o mais característico das ideias.

Diz ele [Aristóteles] que esse argumento também estabelece ideias de relativos. Pelo menos, a atual prova parte do igual, que é um relativo. Mas eles [os platônicos] diziam que não há ideias de relativos, porque, segundo eles, (83.25) as ideias subsistem nelas mesmas, sendo algum tipo de substâncias, enquanto os relativos têm seu ser na relação de uns com os outros.

E mais: se o igual é igual a um igual, haverá mais de uma ideia de igual; pois o igual em si é igual ao igual em si, pois se ele não fosse igual a nada, não seria absolutamente igual.

E mais: de acordo com o mesmo argumento, haverá ideias de desiguais também, pois do mesmo modo, ou haverá ideias de ambos os opostos ou não haverá ideias; mas eles mesmos [os platônicos] concordam entre si que o (83.30) desigual existe na pluralidade.

Mais uma vez, ele [Aristóteles] partilhava essa opinião quando falava dela como sua própria, dizendo “das coisas das quais dizemos que não há nenhum gênero em si”, entendendo gênero em lugar de subsistência ou natureza, se o relativo é como um dependente, como ele disse em outros lugares.

O Argumento do Terceiro Homem

Ὁ δὲ λόγος ὁ τὸν τρίτον ἄνθρωπον εἰσάγων τοιοῦτος. λέγουσι τὰ [83.35] κοινῶς κατηγορούμενα τῶν οὐσιῶν κυρίως τε εἶναι τοιαῦτα, καὶ ταῦτα εἶναι [84.1] ἰδέας. ἔτι τὰ ὅμοια ἀλλήλοις τοῦ αὐτοῦ τινος μετουσίᾳ ὅμοια ἀλλήλοις εἶναι, ὃ κυρίως ἐστὶ τοῦτο· καὶ τοῦτο εἶναι τὴν ἰδέαν. ἀλλ’ εἰ τοῦτο, καὶ τὸ κατηγορούμενόν τιων κοινῶς, ἂν μὴ ταῦτόν ἢ ἐκείων τινὶ ὣν κατηγορεῖται, ἄλλο τί ἐστὶ παρ’ ἐκεῖνα (διὰ τοῦτο γὰρ γένος ὁ αὐτοάνθρωπος, [84.5] ὅτι κατηγορούμενος τῶν καθ’ ἕκαστα οὐδενὶ αὐτῶν ἦν ὁ αὐτός), τρίτος ἄνθρωπος ἔσται τις παρὰ τε τὸν καθ’ ἕκαστα, οἷον Σωκράτη καὶ Πλάτωνα, καὶ παρὰ τὴν ἰδέαν, ἥτις καὶ αὐτὴ μία κατ’ ἀριθμὸν ἐστίν. ἦν δὲ τις λόγος ὑπὸ τῶν σοφιστῶν λεγόμενος τρίτον ἄνθρωπον εἰσάγων τοιοῦτος. εἰ λέγοντες “ἄνθρωπος περιπατεῖ” οὔτε τὸν ὡς ἰδέαν ἄνθρωπον [84.10] περιπατεῖν λέγομεν (ἀκίνητος γὰρ ἐκείνη) οὔτε τῶν καθ’ ἕκαστά τινα (πῶς γὰρ ὄν μὴ γνωρίζομεν; τὸ μὲν γὰρ ἄνθρωπον περιπατεῖν γνωρίζομεν, τίς δὲ τῶν καθ’ ἕκαστά ἐστὶν ἐφ’ ᾧ λέγομεν, οὐ γνωρίζομεν), ἄλλον τινὰ παρὰ τούτους τρίτον ἄνθρωπον λέγομεν περιπατεῖν· τρίτος ἄρα ἄνθρωπος ἔσται, οὗ τὸ περιπατεῖν κατηγορήσαμεν. τούτῳ δὴ τῷ λόγῳ ὄντι σοφιστικῶ [84.15] ἀφορμὰς ἐνδιδοῦσιν οἱ χωρίζοντες τὸ κοινὸν τῶν καθ’ ἕκαστα, ὃ ποιοῦσιν οἱ τὰς ἰδέας τιθέμενοι. λέγει δὲ Φανίας ἐν τῷ

πρὸς Διόδωρον Πολύξενον τὸν σοφιστὴν τὸν τρίτον ἄνθρωπον εἰσάγειν λέγοντα “εἰ κατὰ μετοχὴν τε καὶ μετουσίαν τῆς ιδέας καὶ τοῦ αὐτοανθρώπου ὁ ἄνθρωπός ἐστι, δεῖ τινα εἶναι ἄνθρωπον ὃς πρὸς τὴν ιδέαν ἔξει τὸ εἶναι. οὔτε δὲ ὁ αὐτοάνθρωπος, [84.20] ὃ ἐστιν ιδέα, κατὰ μετοχὴν ιδέας, οὔτε ὁ τις ἄνθρωπος, λείπεται ἄλλον τινα εἶναι τρίτον ἄνθρωπον τὸν πρὸς τὴν ιδέαν τὸ εἶναι ἔχοντα.” δείκνυται καὶ οὕτως ὁ τρίτος ἄνθρωπος, εἰ τὸ κατηγορούμενόν τινων πλειόνων ἀληθῶς καὶ ἔστιν ἄλλο παρὰ τὰ ὧν κατηγορεῖται, κεχωρισμένον αὐτῶν (τοῦτο γὰρ ἠγοῦνται δεικνύουσι οἱ τὰς ιδέας τιθέμενοι· διὰ τοῦτο γὰρ ἐστὶ [84.25] τι αὐτοάνθρωπος κατ’ αὐτούς, ὅτι ὁ ἄνθρωπος κατὰ τῶν καθ’ ἕκαστα ἀνθρώπων πλειόνων ὄντων ἀληθῶς κατηγορεῖται καὶ ἄλλος τῶν καθ’ ἕκαστα ἀνθρώπων ἐστίν) – ἀλλ’ εἰ τοῦτο, ἔσται τις τρίτος ἄνθρωπος, εἰ γὰρ ἄλλος ὁ κατηγορούμενος ὧν κατηγορεῖται, καὶ κατ’ ἰδίαν ὑφεστώς, κατηγορεῖται δὲ κατὰ τε τῶν καθ’ ἕκαστα καὶ κατὰ τῆς ιδέας ὁ [85.1] ἄνθρωπος, ἔσται τρίτος τις ἄνθρωπος παρὰ τε τοὺς καθ’ ἕκαστα καὶ τὴν ιδέαν. οὕτως δὲ καὶ τέταρτος ὁ κατὰ τε τούτου καὶ τῆς ιδέας καὶ τῶν καθ’ ἕκαστα κατηγορούμενος, ὁμοίως δὲ καὶ πέμπτος, καὶ τοῦτο ἐπ’ ἄπειρον. ἔστι δὲ ὁ λόγος οὗτος τῷ πρώτῳ ὁ αὐτός, ἐπεὶ ἔθεντο τὰ ὅμοια τοῦ αὐτοῦ [85.5] τινος μετουσίᾳ ὅμοια εἶναι ὅμοιοι γὰρ οἱ τε ἄνθρωποι καὶ αἱ ιδέαι. ἀμφοτέρους δὴ τοὺς δοκοῦντας ἀκριβεστέρους εἶναι λόγους διήλεγξε, τὸν μὲν ὡς καὶ τῶν πρὸς τι κατασκευάζοντα ιδέας, τὸν δὲ ὡς τρίτον ἄνθρωπον εἰσάγοντα, εἶτα ἐπ’ ἄπειρον αὐξοντα τοὺς ἀνθρώπους, ὁμοίως δὲ καὶ τῶν ἄλλων ἕκαστον αὐξηθήσεται ὧν λέγουσιν ιδέας εἶναι. τῇ μὲν οὖν πρώτῃ [85.10] τοῦ τρίτου ἀνθρώπου ἐξηγήσει ἄλλοι τε κέχρηται καὶ Εὐδημος σαφῶς ἐν τοῖς Περὶ λέξεως, τῇ δὲ τελευταίᾳ αὐτὸς ἐν τε τῷ τετάρτῳ Περὶ ιδεῶν καὶ ἐν τούτῳ μετ’ ὀλίγον.

O argumento do terceiro-homem

O argumento que conduz ao terceiro homem é o seguinte: (83.35) eles [os platonianos] dizem que as coisas predicadas em comum de substâncias são tais em sentido próprio; e que essas coisas são (84.1) ideias. Além disso, eles dizem que as coisas que são semelhantes entre si são semelhantes entre si pela participação na mesma coisa, e que essa coisa é no sentido próprio; e essa coisa é a ideia.

Mas se é assim, e se o predicado comum de certas coisas não é o mesmo que nenhuma dessas coisas da qual ele é predicado, mas é algo outro para além delas (pois essa é a razão por que o homem ele mesmo é um gênero: (84.5) porque ao ser predicado de homens particulares não era o mesmo que nenhum deles), então haverá um terceiro homem para além tanto dos particulares, como Sócrates, ou Platão, quanto da ideia, que é ela mesma numericamente uma.

Havia ainda um argumento atribuído aos sofistas que conduzia ao terceiro homem. É o seguinte: se dizemos “homem caminha” nem estamos dizendo que o homem (84.10) caminha como ideia (pois esta é imóvel), nem como algum particular, (pois como dizer o que não sabemos? Nós sabemos que o homem caminha, mas não sabemos de qual dos particulares estamos falando); estamos dizendo que um terceiro homem, outro que aquele, caminha. Haverá então um terceiro homem do qual predicamos o caminhar. Os que separam o comum dos particulares, como os que afirmam as ideias, oferecem (84.15) pressupostos sofisticos para esse argumento. Em *Contra Diodoro*, Farias diz que o sofista Polixeno introduz o terceiro homem dizendo “se o homem existe pela comunhão e participação na ideia e no homem em si, deve haver algum homem cujo ser será em relação à ideia. Mas nem será o homem em si, (84.20) que é uma ideia, nem o homem particular, que participa da ideia. Resta a existência de um outro, um terceiro homem cujo ser é em relação à ideia.

O terceiro homem é também demonstrado do seguinte modo: “Se o que é predicado verdadeiramente de múltiplas coisas é também [alguma] outra coisa para além das coisas das quais ele é predicado, sendo delas separado (pois isto é o que aqueles que defendem as ideias pensam estar demonstrando; pois é, por isso, (84.25) que, segundo eles, há o homem em si, porque homem é predicado verdadeiramente de homens particulares que são mais do que um, e é outro que os homens particulares)” --mas se é assim, haverá algum terceiro homem, pois se de fato o predicado é outro que aqueles dos quais ele é predicado e subsiste por si mesmo, e se homem é predicado tanto de homens particulares quanto da ideia, (85.1) haverá um terceiro homem para além tanto dos homens particulares quanto da ideia. E nesse sentido haverá ainda um quarto homem, o que é predicado do terceiro homem, da ideia, e dos homens particulares, e similarmente um quinto, e assim *ad infinitum*.

Esse argumento é o mesmo que o primeiro, pois eles [os platônicos] afirmavam que coisas semelhantes são semelhantes (85. 5) pela participação em alguma mesma coisa. Então, homens e ideias são semelhantes. Esses dois argumentos, considerados mais rigorosos, ele [Aristóteles] entretanto refutou; o primeiro porque estabelece ideias também de relativos; o segundo, porque conduz ao terceiro homem, multiplicando além disso os homens ao infinito. Do mesmo modo, será multiplicada cada uma das outras coisas das quais eles dizem haver ideias. Muitos, inclusive Eudemo claramente em seu *Peri Lexeos*, usaram a primeira (85.10) exposição do terceiro homem; ele mesmo [Aristóteles] usou a última no primeiro livro do *Peri Ideon* e um pouco adiante nessa obra.